

OS CRISTOS DE EÇA E DE PESSOA

Flávia Cristina Fernandes Caetano
Universidade Federal de Minas Gerais

Não sabemos a que gênero pertence o mundo:
se ao fantástico ou ao realista.

Jorge Luís Borges¹

A “tríade” e a arte

Três homens que viveram em épocas diferentes. Três encantadores de almas que, através do Verbo, falado ou escrito, apostaram na liberdade e grandeza de seu povo, perante todos os outros povos. Três lendas inscritas eternamente, ou pelo menos enquanto Arte houver, na história, nas realizações da cultura ocidental.

Jesus Cristo, Eça de Queirós e Fernando Pessoa: eis os visionários, os revolucionários, os polêmicos seres que invocando a fé, a crítica e a poesia, cada um a seu tempo, do seu modo e segundo sua própria medida, atravessam os tempos, tornando-se imortais.

O primeiro, Jesus o Cristo, que, apesar de nunca ter lançado mão de uma pena sequer, para registrar suas idéias, teve quem por ele isso fizesse: os evangelistas do Novo Testamento – Mateus, Marcos, Lucas e João, além dos textos baseados em “narrações” de rabinos contemporâneos a ele, datados do século I e, para citarmos somente esses poucos, ainda: Flávio Josefo, um judeu helenizado, testemunho não-cristão mais antigo de todos, que na sua obra *Antiguidades Judaicas*, datada de 93-94,² confirma a existência humana e histórica desse ser.

¹ BORGES apud ROCHA, FLORA, 1996. p.139.

² RENAN, 1998. [contra-capá]

Os dois outros, Eça e Pessoa, que conscientemente se utilizaram de seu engenho e arte para que, através da literatura (outra vez a Palavra), seus pensamentos, acerca do mundo e das coisas do mundo, se perpetuassem.

Cristo, Eça e Pessoa, instrumentos e senhores da Arte, essa que “oferece-nos a única possibilidade de realizar o mais legítimo desejo da vida – que é não ser apagado de todo pela morte”,³ segundo o próprio Eça, em trecho de suas *Notas Contemporâneas*, pois acredita o mesmo autor que através da Arte:

(...) o teu pensamento, manifestação melhor e mais completa da tua vida, permanecerá intato, sem que contra ele prevaleçam todos os vermes da terra; (...) ele terá todavia o supremo sintoma da vida, a renovação e o movimento, porque fará vibrar outros pensamentos e através das criações deles estará perpetuamente criando. (...) Ficarás para sempre vivo, por te misturares perpetuamente à vida dos outros; (...) não desaparecerás nem na tua forma mortal: e serás desses eternos viventes, mais eternos que os deuses, que são os contemporâneos de todas as gerações, e vão sempre marchando no meio da Humanidade que marcha, espíritos originais a que se acendem outros espíritos, para que se não apague o fogo perene da Inteligência (...)⁴

E ainda sobre a Arte, que parece ser a verdadeira religião desse autor, arremata, o mesmo, em tom de revelação:

A arte é tudo porque só ela tem a duração – e tudo o resto é nada! As sociedades, os impérios são varridos da terra, com seus costumes, as suas glórias, as suas riquezas: e se não passam da memória fugidia dos homens, se ainda para eles se voltam piedosamente as curiosidades, é porque deles ficou algum vestígio da arte, a coluna tombada dum palácio, ou quatro versos num pergaminho. As religiões só sobrevivem pela arte, só ela torna os deuses verdadeiramente imortais – dando-lhes forma. (...)

A arte é tudo – tudo o resto é nada. Só um livro é capaz de fazer a eternidade dum povo. (...)⁵

³ SIMÕES, 1968. p.64-65.

⁴ SIMÕES, 1968. p.65.

⁵ SIMÕES, 1968. p.66.

Cristo, Eça e Pessoa são a “tríade” responsável por nossas reflexões – a análise de uma pequena parte da obra dos dois últimos que têm como referencial a figura do primeiro, ou seja, a transformação do Cristo de Nazaré, por esses dois escritores lusitanos, em Cristo de papel.

Os Cristos

Penso que o fantástico é a melhor maneira de descrever o real. A realidade é tão absurda.

Gabriel Garcia Marquéz⁶

Tanto o Cristo do trecho onírico de *A Relíquia*, quanto o do poema VIII do *Guardador de Rebanhos* não são nem propriamente bíblicos, nem históricos, são, ambos, Cristos literários, pois, frutos são dos delírios artísticos, tanto de Eça de Queirós, no primeiro caso, quanto de Pessoa-Caieiro, no segundo. Claro, parece ser que não desvinculados de um certo “compromisso” de seus criadores com o contexto, no qual, cada um deles, a seu tempo, está inserido, se movimenta, tira suas impressões, produz sua arte.

A figura de Cristo, dentro desses dois contextos, recebe um tratamento bastante semelhante: ambos são destituídos, despidos do caráter essencialmente divino, celestial, para assumirem um *status* mais humano, mais “carne e osso”. Herdeiros, ambos, sem dúvida, do Cristo de Renan, polêmico historiador francês, crítico e profano, que em sua *Vida de Jesus* – registre-se, livro de cabeceira de Eça de Queirós –, dessacraliza a figura de Cristo, ressaltando-lhe, inclusive, alguns traços marcantes: ser suscetível a afetos e pavores; um encantador, um idealizador e manipulador de seus semelhantes; um humano ser, enfim.

Porém, duas diferenças básicas podem ser apontadas com relação a esses Cristos.

⁶ MARQUÉZ apud ROCHA, FLORA, 1996. p.139.

A primeira é que o Cristo de Eça tem como traço marcante todo o lado deplorável – e pouco divino – do ser humano, ou seja, é um desmerecedor do título que durante tantos séculos lhe foi conferido, não podendo ser um exemplo para os homens, pois é, em poucas palavras, um injusto, um indivíduo lascivo, um enganador, um interesseiro. Já o Cristo de Caeiro é um menino, uma criança peralta (*roubar; fugir*, são verbos que nos contam de sua conduta), sem limites, “um anjo sem asas”, de língua solta (*diz mal de Deus*), preocupada em apenas viver, ou segundo o próprio poeta:

Era nosso demais para fingir
De segunda pessoa da Trindade.⁷

Além disso, apesar do caráter humano aproximar os dois, sinaliza para respostas diferentes à seguinte pergunta: um e outro, *a que vieram?* O Cristo de Eça parece ter como principal missão ser pivô da desmistificação rasgada das origens do Cristianismo, pondo em dúvida, não só a sua autoridade sagrada, como os fundamentos da religião cristã. O Cristo de Pessoa-Caeiro, apesar de desmistificar os principais ícones cristãos (Deus, Espírito Santo, Igreja Católica, etc.), é portador também de algo novo, diríamos a “boa nova” dos tempos modernos.

Tomemos agora cada um a seu tempo, alternando as considerações, afim de melhor traçarmos o perfil de cada um deles.

Aproximações e distanciamentos

O homem vive de razão e sobrevive de sonhos.

Miguel de Unamuno⁸

Curiosamente, ambos os Cristos, nestas duas manifestações literárias, são tomados em um mesmo espaço: o sonho. Ambiente

⁷ PESSOA, 1983. p.209.

⁸ UNAMUNO, 1999. p.5.

este onde a imaginação transita livremente, as imagens e fatos nem sempre obedecem a uma ordenação lógica, onde o inconsciente é rei e, portanto, é permitido tudo segundo o que o desejo ditar, onde desliga-se todos os sensores e despe-se de todos os pudores.

O Cristo de Eça, na narrativa como um todo, é visto como uma figura triste e tediosa, enquanto o de Pessoa-Caeiro é a “criança bonita de riso e natural”.⁹ O Cristo de Eça é um “Deus magro e cheio de feridas”,¹⁰ é aquele que possui os pés doridos e roxos; o de Pessoa-Caeiro é “o divino que sorri e que brinca”.¹¹ Aquele é um “impotente”, é preso, sofre humilhações, morre cruelmente, já possui um trágico destino traçado; este traça seu próprio caminho, é, antes de qualquer outra coisa, Senhor de seus próprios desejos, pois ele *foge*, ele *vai*, ele *faz*, ele *cria*, ele *vive* e não é *para* ou *por* alguém, e sim para e por ele mesmo:

Tinha fugido do céu.

(...) foi à caixa dos milagres e roubou três.

Com o primeiro fez que ninguém soubesse que ele tinha fugido.

Com o segundo criou-se eternamente humano e menino.

Com o terceiro criou um Cristo eternamente na cruz.

(...) Hoje vive na minha aldeia comigo.¹²

Enquanto o Cristo eciano comunga com a *morte*, o de Pessoa celebra a *vida*:

Limpa o nariz ao braço direito,

Chapinha nas poças de água,

Colhe as flores e gosta delas e esquece-as.

Atira pedras aos burros,

Rouba a fruta dos pomares

E foge a chorar e a gritar dos cães.¹³

⁹ PESSOA, 1983. p.210.

¹⁰ QUEIRÓS, [s.d.]. p.73.

¹¹ PESSOA, 1983. p.210.

¹² PESSOA, 1983. p.209.

¹³ PESSOA, 1983. p.210.

Santidade parece ser uma palavra que não se ajusta nem a um, nem a outro. Por exemplo, o Cristo de Eça de Queirós, segundo certas personagens criadas por esse autor, ao contrário do que prega a tradição bíblica, não parece ser casto:

(...) esse Rabi de Galiléia chegava, no seu impudor, a tocar fêmeas pagãs, e outras mais impuras que o porco... Um levita viu-o, na estrada de Siquém, erguer-se afogueado, detrás da borda de um poço, com uma mulher de Samaria!¹⁴

(...) Casto o Rabi! E então essa galiléia de Magdala, que vivera no bairro de Bezeta, e nas festas do Prurim se misturava com as prostitutas gregas às portas do teatro de Herodes?... E Joana, a mulher de Cosna, um dos cozinheiros de Antipas? E outra de Efraim, Suzana, que uma noite, a um gesto do Rabi, a um aceno do seu desejo, deixara o tear, deixara os filhos, e com o pecúlio doméstico, escondido na ponta do manto, o seguira a Cesaréia?...¹⁵

Num outro momento, nesta mesma obra, aquele que deveria ser o exemplo da tolerância, bondade e justiça, como bem trata o relato bíblico, se apresenta como um injusto, um desvairado que faz distinção entre os homens, tendo como medida suas posses materiais.

¹⁴ QUEIRÓS. [s.d.]. p.172-173. Este trecho faz referência clara e irreverente à passagem em que Cristo, nos relatos de *São João*, intitulado por “A mulher de Samaria” (JO 4: 4-18), cansado da viagem que fazia em direção à Galiléia e, tendo que atravessar a província de Samaria, senta-se junto à uma fonte a fim de refrescar-se, quando lhe aparece uma mulher samaritana para tirar água a quem Cristo pede água para beber. Como naqueles tempos os judeus pouco se davam com os samaritanos, a mulher estranhou a abordagem, mas atendeu-lhe o pedido. Cristo, na oportunidade, pregou ensinamentos à mulher, fazendo com que ela e os seus cressem nele como sendo o verdadeiro Messias. Depois de mais uma conquista realizada e de seus discípulos admirarem seu ato, parte Jesus para Galiléia.

¹⁵ QUEIRÓS, [s.d.]. p.172. Há, realmente, notícia na Bíblia sobre todas as mulheres citadas acima, assim como Renan também se refere a elas em seu estudo (1998. p.184), porém, os detalhes acrescentados e a inegável intenção de deturpação dos fatos são de inteira responsabilidade de Eça de Queirós.

O episódio que serve de base para tal “releitura” de Eça é o da “expulsão dos vendilhões do Templo”, que segundo *São Mateus*, ocorre do seguinte modo:

Tendo Jesus entrado no templo, expulsou a todos os que ali vendiam e compravam; também derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas.

E disse-lhes: está escrito: A minha casa será chamada casa de oração, vós, porém, a transformais em covil de salteadores.¹⁶

Eça, puxando um fio desta cena, delineia uma outra dentro do sonho de Teodorico, dando-lhe cores novas, ou seja, cria uma personagem, um velho que vendia aos fiéis pedras raras, que é a testemunha ocular de tal episódio e relata-o a Topsisius e ao Raposão, segundo a impressão que tal atitude de Cristo deixara em seu espírito. Esse relato, nitidamente, desmoraliza a figura de Cristo, defensor dos pobres e desafortunados, fazendo com que a aura de santo que lhe é conferida seja partida e se perca no pó da injustiça:

Mas eis que há dias esse Rabi de Galiléia aparece no templo, cheio de palavras de cólera, ergue o bastão e arremessa-se sobre nós, bradando que aquela “era a casa de seu pai e que nós a poluíamos!”... E dispersou todas as minhas pedras, que nunca mais vi, que eram o meu pão! (...) E nós tivemos de fugir, apupados pelos mercadores ricos, que bem encruzados nos seus tapetes de Babilônia, e com o seu lajedo bem pago, batiam palmas ao Rabi... Ah! Contra esses o Rabi nada podia dizer; eram ricos, tinham pago! (...) eu fui expulso pelo Rabi, somente porque sou pobre!¹⁷

Já o Cristo-menino de Caeiro, é um travesso incondicional, um querubim às avessas, pois:

E, porque sabe que elas não gostam
E que toda gente acha graça,
Corre atrás das raparigas
Que vão em ranchos pelas estradas
Com bilhas às cabeças
E levanta-lhes as saias.¹⁸

¹⁶ Mt 21:12-13.

¹⁷ QUEIRÓS, [s.d.]. p.204-205.

¹⁸ PESSOA, 1983. p.210.

Além disso, é adepto do escárnio, da chacota, pois ridiculariza, profana a entidade *Deus* e tudo o que está diretamente a ele relacionado:

Diz-me muito mal de Deus.
Diz que ele é um velho estúpido e doente,
Sempre a escarrar no chão
E a dizer indecências.
A Virgem Maria leva as tardes da eternidade a fazer meia.
E o Espírito Santo coça-se com o bico
E empoleira-se nas cadeiras e suja-as.
Tudo no céu é estúpido como a Igreja Católica.¹⁹

O Cristo do sonho de Teodorico, admiravelmente naquele espaço onírico, abstém-se quase completamente de palavras, mantém-se mudo, inerte, imperturbável: “E Jesus permanecia imóvel, abstraída-mente indiferente, com os olhos cerrados, como para isolar melhor o seu sonho contínuo e formoso, longe das cousas duras e vãs que o maculavam (...) o Rabi permanecia silencioso (...)”²⁰ Ora, o tempo das palavras abundantes – das parábolas, sermões, exortações, advertências, instruções – já havia passado. Agora, ele era visto como “um sonhador inofensivo”, “apenas um visionário”, segundo o Pilatos literário que, em consonância com o histórico, o julgaria e o condenaria a contra gosto. Agora, era o tempo do silêncio, para que se consumasse o restante da história e ele alcançasse a tão almejada glória junto aos céus. O que, no livro, não ocorre, pois o trajeto restante do Cristo de Eça é em direção à *Morte*, no sentido lato da palavra, não havendo espaço para o que a Bíblia chama de *Ressurreição*.

Em breves linhas, vejamos qual é a releitura que sofrem os textos evangélicos referentes ao episódio da “pós-morte” de Cristo.

O Cristo de Eça depois de receber um tratamento de primeira ordem de alguns de seus amigos e fiéis, desde o vinho narcotizado até o banho de ervas e uma mortalha de linho fino, tendo como

¹⁹ PESSOA, 1983. p.210.

²⁰ QUEIRÓS, [s.d.]. p.187.

responsáveis pelos seus funerais, seus amigos e admiradores, José de Arimatéia e Nicodemos – como também é registrado nos livros sagrados –, Jesus é enterrado em um sepulcro, em meio a um jardim.

Acontece, porém, que esse sepulcro, na obra, diferentemente do outro bíblico, é apenas provisório, pois tendo Cristo bebido do “vinho de misericórdia” – que na versão bíblica, é dado aos suplícados, apenas para aliviar-lhes o sofrimento – passaria apenas por um desmaio profundo, podendo ser acordado mais tarde e retirado dali com vida, para que pudesse dar continuidade a sua obra, longe daqueles que o invejavam e lhe queriam mal. Para tanto, seus fiéis amigos contavam com “as receitas que vêm no livro de Salomão.”²¹

Porém, de nada adiantaram todos os esforços, todas as orações, todas as esperanças, pois, no entrecho onírico d’*A Relíquia*, Cristo morre verdadeiramente, sendo enterrado num outro túmulo por José de Arimatéia e pelos outros que o acompanhavam: “para o bem da terra” e para “que se cumprissem as profecias.”²²

Desse modo, Maria Madalena literária – assim como a bíblica o fez – ao retornar mais tarde ao túmulo, onde deixara, juntamente com outras mulheres, o corpo de Jesus, nada encontra, pois o mesmo estava aberto e vazio. Então, desconhecendo a empresa de José de Arimatéia, espalha pelo mundo a máxima: “Ressuscitou, ressuscitou!”.

Assim, Topisius, historiador alemão e amigo de Teodorico Raposo, explica a “versão científica” – e no caso, sarcasticamente literária –, das origens do Cristianismo: “E assim o amor de uma mulher muda a face do mundo, e dá uma religião mais à humanidade!”²³

Este, a nosso ver, é o golpe de misericórdia de Eça, nessa obra, no Cristianismo.

Voltando ao Cristo do sonho de Caeiro: este, por sua vez, é um ser íntimo do Verbo e, curiosamente, o parece ser, em dois sentidos:

²¹ QUEIRÓS, [s.d.]. p.249-250.

²² QUEIRÓS, [s.d.]. p.251-252.

²³ QUEIRÓS, [s.d.]. p.252-253.

ele possui uma natureza loquaz, fala com grande abundância, porém suas palavras não obedecem a nenhum critério do sagrado, como a ponderação ou a reverência. Pelo contrário, assume uma postura irreverente; seu verbo é malicioso, sua língua não possui travas, não faz rodeios, não reflete, é objetivo, diz o que pensa e pronto.

Por outro lado, é um ser íntimo também do Verbo-Poeta, de Caieiro, ou seja, da condição primeira que o faz poeta, a linguagem. Linguagem simples, desprovida de arabescos, pautada na transparência, natural e espontânea, livre de qualquer mistério ou reflexões. Assim se quer a poesia de Caieiro e é justamente assim que seu menino Jesus se afigura. Daí uma nítida correlação entre os dois, um quase “ser um”:

E a criança tão humana que é divina
É esta minha quotidiana vida de poeta
E é porque ele anda sempre comigo que eu sou poeta sempre.
(...)
vivemos juntos e dois
Com um acordo íntimo
Como a mão direita e a esquerda.²⁴

Seria, ainda, interessante notarmos que o movimento do Cristo eciano é funesto, silencioso e para cima, para algum lugar paradisiáco, o próprio céu, onde ele se assentaria à destra de Deus; é um movimento que comporta a desgraça, mas também a redenção. Já o movimento da Criança Eterna de Pessoa-Caieiro é um movimento de retorno festivo, num dia de Primavera, repleto de algazarra, e, que apesar de ser para baixo, pois Jesus Cristo desce à terra, vindo supostamente do próprio Paraíso, não é sinônimo de decaída, decadência, perda da posição infinitamente superior, mas sim de opção, de inauguração de um novo Paraíso – talvez “a quotidiana vida do poeta” –, onde tudo não fosse tão “falso”, tão em “desacordo”, nem “sério” demais.

²⁴ PESSOA, 1983. p.211.

Algumas Reflexões

Que a arte nos aponte uma resposta, mesmo que ela não saiba
E que ninguém a tente complicar,
Porque é preciso simplicidade para fazê-la florescer.
Porque metade de mim é platéia e a outra metade canção
E que a minha loucura seja perdoada,
Porque metade de mim é amor e a outra metade, também.

Oswaldo Montenegro²⁵

Se é verdade que as “misérias íntimas refletem-se fielmente na literatura”,²⁶ segundo afirma QUENTAL, somos obrigados a entender que o contexto no qual é concebida uma obra diz muito da realidade que passa à sua volta. Mas uma obra também pode denunciar o meio, ao invés de simplesmente refleti-lo, ou por outras vezes, sugerir outros caminhos, outras saídas. Vejamos.

Sabemos que o contexto no qual *A Relíquia* foi concebida, era um contexto talvez pouco favorável a caprichos artísticos e pouco aberto para investidas de cunho intelectual, pois Portugal se encontrava como uma fera encurralada e acuada por seu impiedoso caçador: o Progresso. Progresso tecnológico, econômico, social. Logo Portugal que outrora havia sido considerado “farol de mundos” e agora se reduzia à “lanterna vermelha das nações civilizadas”.²⁷ Portugal precisava modernizar-se; acompanhar o movimento de inovação de que o mundo se nutria; deixar de olhar para trás a fim de reconhecer novos horizontes. Mas nada parecia resgatar o país daquela letargia.

Porém, eis que surge, como já sabemos, um grupo de artistas decididos a mudar o rumo da história: a Geração de 70, da qual Eça foi participante ativo.

²⁵ MONTENEGRO, 1999. (CD)

²⁶ QUENTAL, 1882. p.268.

²⁷ LOURENÇO, 1982. p.97.

Os ânimos revolucionários destes homens começaram a produzir frutos e, o desejo de mudança a materializar-se em manifestos, conferências e obras. *A Relíquia*, apesar de nascer no fim da década de 80, ainda parece ser herdeira dessas idéias inovadoras, provocando tremores na crítica.

Interessante seria notarmos que, curiosamente, esta mesma crítica era formada por homens que pertenciam à nata burguesa da sociedade, a qual estava atrelada ao conservadorismo político e católico, portanto, contrária a todo e qualquer tipo de reorganização mesmo que fosse em nome da Arte.

Portanto, torna-se mais fácil chegar-se à possível conclusão de que esta “crítica literária burguesa” se viu, de uma certa forma, ultrajada e ameaçada pela audácia de um Eça por ter transformado em pó, num capítulo dessa obra, toda uma tradição de dogmas cristãos, que eram um dos fortes alicerces da sociedade portuguesa e, que neste caso, em especial, foram desconstruídos através da Literatura.

E não poderia ter havido um espaço mais propício para se por em prática essas idéias revolucionárias que o sonho de Teodorico, pois ali, Eça, ao mesclar fatos bíblicos e históricos, não deixou de conferir uma certa autoridade a sua narrativa, que apesar de dura para um povo tão cristão, faria com que certas verdades fossem repensadas, senão relativizadas. E se a arte deveria ter um compromisso mais condizente com a realidade, eis aí o objetivo maior de Eça através de *A Relíquia*.

Por isso, naquele espaço, a figura maior do Cristianismo é desmistificada; o Cristo de Eça não passa de um logro, derrubando por terra séculos e séculos de uma crença cega e servil.

Eça parecia ter consciência de que atitudes drásticas, violentas, às vezes surtem efeito, e tendo a arte como aliada, a causa era mais que justa, ou como diria Renan, o que se aplica perfeitamente nesse caso: “As mais belas coisas do mundo surgiram de acessos de febre; toda criação eminente acarreta uma ruptura de equilíbrio; o parto é, pela lei da natureza, um estado violento.”²⁸ Por isso, *A Relíquia*

²⁸ RENAN, 1998. p.402.

se não fosse violenta não causaria desequilíbrio; se não fosse uma criação febril não acarretaria mal-estar.

E mais, por isso tudo, enfim, Eça de Queirós contribuiu através d' *A Relíquia*, para que o tradicionalismo no qual estavam mergulhados fosse reavaliado em prol de um futuro mais decente e digno para um país que precisava redescobrir a sua força, e soube, como só sabem, segundo Renan, “os semideuses”: criar, afirmar, agir.²⁹ E foi com um “descarado heroísmo de afirmar”³⁰ que, fundindo, nessa obra, Ciência e Religião e, diríamos, Arte, ofereceu-nos, com extrema originalidade e coragem, um tecido de, no mínimo, inestimável valor cultural.

Por outro lado, o contexto no qual nasce o poema VIII do *Guardador de Rebanhos*, apesar de ser outro, ainda é herdeiro daquele desejo que os intelectuais, desde Herculano, passando por Antero, Oliveira Martins, o próprio Eça, Junqueiro, Pascoaes, e outros mais, nutriam de que Portugal voltasse novamente a ser uma grande Nação, admirada por todos, responsável por algo que, novamente, a exemplo dos grandes descobrimentos, contribuísse, não apenas para o seu próprio, mas para o crescimento de toda a humanidade.

O projeto era ambicioso, mas agora, não tão intempestivo e ressentido como no século XIX. A diferença também é que o projeto não se prendia a questões econômicas, sociais, tecnológicas, como outrora, agora, o objetivo tinha um cunho cultural, espiritual. Daí o *Saudosismo*, de Pascoaes, o *Quinto Império*, de Pessoa, que era o império de cultura, o qual, segundo sua visão, necessitaria para nascer e sobreviver: “uma língua rica e completa, o aparecimento das obras de gênio nessa língua.”³¹ Condições tentadoras para Portugal.

Na realidade, a “boa nova” que se esperava, tinha um certo contorno messiânico, uma certa aura religiosa, um certo poder

²⁹ RENAN, 1998. p.406.

³⁰ QUEIRÓS, [s.d.]. p.331.

³¹ <http://www.lsi.usp.br/art/pessoa/index.html>.

“regenerador”. Fernando Pessoa apostava nela como a principal responsável pelo surgimento de uma nova civilização. E, parece ser justamente a Poesia, a principal nau dessa nova navegação. Daí a idéia da “Nova Poesia”, de Pascoaes e, posteriormente, um pouco modificada, de Pessoa.

Dentro desse contexto, está inserido esse poema de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa. Segundo o que nossa leitura nos permite apreciar, é um poema que, de algum modo, deixa-nos entrever um eu-lírico cansado, exaurido – o que, num plano geral, reflete todo um povo – de cultuar um Deus ultrapassado, e, que, ao mesmo tempo, deseja um novo deus para reverenciar, um deus mais vivaz, mais alegre: uma “Criança nova”,³² uma Crença nova, que neste contexto nada mais é que a própria Poesia.

Assim, Caeiro delineia uma nova religiosidade, um novo Cristianismo, que parte da figura de Cristo, mas um Cristo outro do que o tradicional: A Criança Eterna, simples, espontânea, sem medidas, livre de qualquer reflexão profunda a respeito das coisas do mundo, que não é mística (“não há mistério no mundo”³³ – não há especulação, pois as coisas são como são), como é, e se quer, o seu próprio fazer poético.

Desse modo, Portugal, através dessa sugestão poética, estará apto para por em prática sua “vocação universalista”, a fim de elaborar a “nova síntese religiosa” que se faz urgente; como se o poeta, marotamente, bem ao estilo de Eça, parodiando Antero de Quental,³⁴ dissesse ainda: “o Cristianismo foi a Revolução do mundo antigo: a *Poesia* não é mais do que o Cristianismo do mundo moderno.”

³² PESSOA, 1983. p.211.

³³ PESSOA, 1983. p.211.

³⁴ QUENTAL, 1882. p.296.

Referências Bibliográficas

- BÍBLIA Sagrada. *Novo Testamento*. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969. p.6-141.
- BORGES, Jorge Luís apud ROCHA, Ruth, FLORA, Anna. *Escrever e criar... é só começar! – A Redação através do Jogo e da Literatura*. São Paulo: FTD, 1996. v.6, p.139.
- LOURENÇO, Eduardo. *Fernando Pessoa – Rei da nossa Baviera*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1986.
- LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*. 2.ed. Lisboa: Dom Quixote, 1982.
- MARQUEZ, Gabriel Garcia apud ROCHA, Ruth, FLORA, Anna. *Escrever e criar... é só começar! – A Redação através do Jogo e da Literatura*. São Paulo: FTD, 1996. v.6, p.139.
- MEDINA, João. *Eça de Queirós e a geração de setenta*. Lisboa: Moraes Editores, 1980.
- MONTENEGRO, Oswaldo. “Metade”. *Escondido no Tempo*. Barueri: Panela Music, 1999. (CD)
- PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1983.
- RENAN, Ernest. *Vida de Jesus*. São Paulo: Martin Claret, 1998.
- ROCHA, Ruth, FLORA, Anna. *Escrever e criar... é só começar! – A Redação através do Jogo e da Literatura*. São Paulo: FTD, 1996. v.6.
- QUEIRÓS, Eça de. *A Relíquia*. Rio de Janeiro: Brasiliense S. A., [s.d.].
- QUENTAL, Antero de. *Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982. p.255-296.
- SERRÃO, Joel. *Do Sebastianismo ao Socialismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1983.
- SIMÕES, João Gaspar. *Eça de Queirós – Trechos Escolhidos*. 3.ed. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1968. p.64-68. (Nossos Clássicos, 9)
- UNAMUNO, Miguel de. Apud *Jornal de Casa*, Belo Horizonte, 1999.

Resumo

O presente trabalho ao considerar *A Relíquia* de Eça de Queirós e o poema *VIII* do *Guardador de Rebanhos* de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa, procura sinalizar para o fato de que estes dois autores, através das referidas obras, em épocas diferentes, mas a partir de uma notável figura dentro da cultura ocidental, ou seja, Jesus o Cristo, conseguem aproximar suas literaturas no sentido de que fazem dela um meio para intervir no contexto no qual estão inseridas – seja apostando na crítica, na ironia, no primeiro caso, ou ainda na palavra, na poesia, no segundo. Assim, ambos parecem vislumbrar a possibilidade de verem ressurgir das cinzas de um ultrapassado Cristianismo, o seu grandioso Portugal, há muito considerado “farol de mundos”. E essa possibilidade, nesse caso, recebe o nome de *Arte*, mais propriamente, *Literatura*: a *Palavra*, cáustica ou simples, uma nova religião.

Abstract

In considering Eça de Queirós's *A Relíquia* and the poem VIII of *O Guardador de Rebanhos* by Alberto Caeiro, Fernando Pessoa's heteronym, this work tries to signal for the fact this two authors, through the works mentioned above, in different epochs, but some a remarkable character belonging to the western culture, namely, Jesus the Christ, manage to get their literatures close by making them a means to intervene in the context they are – whether relying on criticism irony in the first case or on the word, poetry, in the second. Thus both seem to view the possibility of beholding the revival of their grand Portugal from the ashes of an outstritted Cristianism, this country once considered in the past “headlamp of worlds”. And this possibility, in this case, is named *Art*, or more properly, *Literature*: the *Word*, caustic or simple, a new religion.